

Ivan Grilo – Quase/Acervo

Isabel Sanson Portella

*“Uma fotografia é um segredo acerca de um segredo.
... Quanto mais diz menos se sabe.”*

Diane Arbus

Mais do que um meio vital de comunicação e expressão humana, a fotografia é uma ampliação do olhar. Revela realidades internas que ultrapassam a imagem especular do real, penetrando na essência secreta dos objetos. Através do olhar sensível do artista, surge então uma nova imagem, uma imagem única, singular, resultado visível da sua percepção de mundo. E tão fantástica é esta imagem que “quanto mais diz menos se sabe”. Quanto mais secreta sua mensagem, mais leituras nos permite. Para *re-velar* e *des-velar* alguns segredos e histórias, o artista Ivan Grilo se debruça e vasculha o acervo histórico do Museu da República. Em suas pesquisas para compor uma exposição, o artista descobre um mundo secreto e guardado. Arquivos históricos normalmente suscitam pouco interesse, mas para Ivan se transformam em rica fonte de achados e estudos. O impulso quase visceral de percorrer arquivos, o “*impulso arquivístico*”, como diria o crítico de arte norte-americano Hal Foster, resulta numa busca incessante por imagens. Seu olhar procura fragmentos de um tempo que não mais existe, fotografias quase perdidas, sem texto, sem discurso, sem narrativa. É no silêncio nebuloso dessas fotos que o artista encontra seu objeto. Nada mais interessa, não há pretensão de relacionamentos, não há busca de significados. Apenas uma visão velada, não totalmente despida, que assim desperta os sentidos e provoca a imaginação.

Ivan Grilo abre a exposição *Quase-Acervo*, na Galeria do Lago, Museu da República, com uma imagem da cidade do Rio de Janeiro quando reformada pelo prefeito Pereira Passos. Sem nenhuma velatura, mas com um jogo de palavras “*acervo / verbo / cobrir (-se) com um véu*”, o artista apresenta a cidade em processo de transformação. É um outro modo de olhar que desloca e reordena elementos tornando presente para sempre o passado. É o jogo das formas que interessa ao artista: a imagem como vestígio, como um resíduo de intenções que se perdem no tempo. O processo histórico passa a ser refeito como um sistema estrutural de permanentes.

A pesquisa e a experimentação fotográfica ganham força com recursos que trabalham a recepção da imagem. Velar a imagem fotográfica com uma “neblina” gravada num vidro, subverter a real função de materiais que geralmente servem como suportes, protetores ou molduras para as fotos são alguns focos das pesquisas de Ivan. A imagem direta e imediata não é seu objeto direcionado. Não é mais a identificação e a precisão do registro fotográfico que importa, mas aquilo que está subjacente ao instantâneo captado. O suporte, embaçando a visão, cria camadas de percepção que despertam outras leituras.

O trabalho *Museu-Verniz* apresenta uma seleção de personalidades da República que aparecem somente numa tênue silhueta na parede. Personalidades históricas extremamente importantes para a obra de Grilo como Marc Ferrez, Augusto Malta, Pereira Passos e Afonso Penna, entram nesta exposição como lembrança de uma participação fundamental na construção da cidade, mas que hoje são simples imagens semiapagadas.

Em *Estudo para Álbum*, Ivan resgata dos arquivos foto documental de Augusto Malta e seu olhar interessado recai, mais de cem anos após, sobre o momento capturado pelo fotógrafo. A cidade construída para a Exposição de 1908 foi fotografada na certeza clara de que aquele momento histórico deveria ser preservado. Como um cenário carregado de simbolismos e de ideias progressistas, os pavilhões da Exposição foram fixados pelas lentes de fotógrafos experientes da época. A fotografia era cada vez mais vista como uma ferramenta para registrar, não apenas rostos e lugares, mas acontecimentos e fatos a serem lembrados. É a história que se faz através desses registros que, embora efêmeros, deixam vestígios, rastros que podem ser seguidos para reconstruir o passado. Dar visibilidade a fatos que se apagam na memória é ressuscitar a poética de um momento, é reconstruir, sempre com outro olhar.

Resguardar, velar, preservar são algumas das funções das delicadas folhas que se sobrepõem às fotos nos álbuns de retratos. Quando vistas através delas, as fotos perdem a nitidez, ficam sem foco. Como nos álbuns, Ivan Grilo utilizou uma velatura em sua obra, protegendo a foto com acrílico decorado. Não se trata de exibir uma imagem, mas de criar uma camada que impede a identificação, levando assim o espectador a deter-se no que não está sendo visto ou narrado. Várias questões são suscitadas ao se observar a obra.

O registro de momentos históricos, a preservação, a passagem do tempo e suas conseqüências: são todas leituras possíveis de uma obra rica de significados que instiga e faz pensar.

Para concluir, a exposição *Quase/Acervo*, na Galeria do Lago, situada nos jardins históricos do Museu da República, Ivan Grilo apresenta a instalação *Mudança*. Refaz o trajeto histórico de um momento de transição importante para aquela casa, quando o Palácio passa a ser Museu. O poder executivo de mudança para o Palácio do Planalto em Brasília abre um espaço de transformações. Toda mudança traz em si o recomeço, a reforma, a revisão. Envolve caixas, embalagens, acervos e memórias que também se transformam em novas construções, adquirem outros significados, requisitam maiores cuidados.

Talvez todo o processo criativo de Ivan gire em torno dessa ação de transformar, de mudar o sentido de seus achados. Trazendo à luz sem, no entanto, revelar totalmente o conteúdo, usando vidros e acrílicos como embalagens protetoras. Movimentando acervos que, estagnados, perdem seu significado.

Isabel Sanson Portella é doutora em História da Arte (EBA/UFRJ), crítica, curadora e coordenadora da Galeria do Lago.